

minha outra desilusão na Rússia

emma goldman*

A perseguição aos anarquistas

Em um país possuído e completamente controlado pelo Estado, como na Rússia, é quase impossível se viver sem a “misericórdia” do governo. No entanto, eu estava determinada a tentar. Não aceitaria nada, nem mesmo rações de pão, das mãos tingidas com o sangue dos bravos marinheiros do Kronstadt. Felizmente, eu tinha algumas roupas que um amigo americano me dera; elas poderiam ser trocadas por mantimentos. Eu também havia recebido algum dinheiro de minha própria gente nos Estados Unidos. Isso me permitiria viver por algum tempo.

Em Moscou consegui um pequeno quarto, anteriormente ocupado pela filha de Piotr Kropotkin. A partir

*Emma Goldman, russa, anarquista e feminista, chegou nos Estados Unidos com a irmã indo trabalhar como operária têxtil. Em pouco tempo tornou-se uma militante combativa juntamente com seu companheiro Alexandre Berkman o que lhe valeu alguns encarceramentos, um deles por ensinar publicamente o uso de contraceptivos.

daquele dia eu vivi como milhares de outros russos, carregando água, cortando madeira, lavando e cozinhando, tudo no meu pequeno quarto. Mas eu me sentia mais livre e melhor por isso.

A nova política econômica transformou Moscou em um vasto mercado. O comércio se tornou a nova religião. Lojas e armazéns brotavam da noite para o dia, misteriosamente a Rússia estava amontoadada de guloseimas que não tinha visto há anos. Grandes quantidades de manteigas, queijo, e carne foram colocadas à venda; confeitos, frutas raras, e doces de toda variedade estavam à venda. No edifício Politburo uma das maiores confeitarias foi aberta. Homens, mulheres, e crianças com faces contraídas e olhos famintos paravam, olhando fixamente pelas janelas e discutindo o grande milagre: o que ontem era considerado uma odiosa ofensa, estava agora ostentado na frente deles de uma maneira aberta e legal. Eu ouvi por acaso um soldado Vermelho dizer: *“É para isso que fizemos a revolução? Para isso que nossos companheiros tiveram que morrer?”* O slogan, *“Roube os ladrões”*, havia se transformado agora em *“Respeite os ladrões”*, e mais uma vez foi proclamada a santidade da propriedade privada.

A Rússia estava assim gradualmente ressuscitando as condições sociais que a grande revolução viera para destruir. Mas o retorno ao capitalismo de maneira alguma mudou a atitude dos bolchevistas em relação aos elementos de esquerda. Idéias e práticas burguesas deveriam ser encorajadas para desenvolver a vida industrial da Rússia, mas as tendências revolucionárias estavam sendo suprimidas como antes.

Relacionado ao Kronstadt, um ataque geral aos anarquistas ocorreu em Petrogrado e Moscou. As prisões se abarrotaram dessas vítimas. Quase todo anarquista conhecido tinha sido preso; e as livrarias anarquistas e

as gráficas do *Golos Truda* foram fechadas pela *tcheka* em ambas as cidades. Os anarquistas ucranianos, presos na véspera da conferência de Kharkov (apesar da imunidade garantida pelo bolchevista sob o acordo de Makhno), foram trazidos para Moscou e colocados na Butyrki; a masmorra de Romanov estava novamente servindo aos velhos propósitos, até mesmo confinando alguns dos revolucionários que ali haviam sido encarcerados anteriormente. Logo se soube que os políticos na Butyrki foram brutalmente atacados pela *tcheka* e secretamente deportados para lugares desconhecidos. Moscou estava muito agitada por essa ressurreição dos piores métodos de encarceramento do czarismo. Uma interpelação sobre o ocorrido foi feita no Soviete Supremo, a indignação dos deputados foi tão grande que os representantes da *tcheka* foram expulsos das tribunas aos gritos. Diversos grupos anarquistas de Moscou enviaram um vigoroso protesto às autoridades, cujo documento eu cito em parte:

“As organizações anarco-sindicalistas abaixo assinadas, após terem cuidadosamente considerado a situação que se desenvolveu recentemente conectada à perseguição aos anarquistas em Moscou, Petrogrado, Kharkov e outras cidades da Rússia e Ucrânia, incluindo a supressão à força de organizações, clubes, publicações anarquistas etc, por meio desta manifesta seu protesto decisivo e enérgico contra esse despótico esmagamento, não apenas de todas as atividades de agitação e propagandistas, mas inclusive de todo o trabalho puramente cultural das organizações anarquistas.”

A sistemática caçada aos anarquistas em geral, e aos anarco-sindicalistas em particular, com o resultado de que cada prisão e cadeia na Rússia soviética está lotada de companheiros, coincidiu totalmente em tempo e espírito com o discurso de Lênin no Décimo Congresso

do Partido Comunista Russo. Naquela ocasião, Lênin anunciou que a mais impiedosa guerra deveria ser declarada contra o que ele denominou “*elementos anarquistas pequeno-burgueses*” os quais, de acordo com ele, estariam crescendo até mesmo dentro do próprio partido comunista em razão das “*tendências anarco-sindicalistas de oposição trabalhista*”. No mesmo dia em que Lênin fez as declarações acima citadas, diversos anarquistas foram presos por todo o país, sem o menor motivo ou explicação. Nenhuma acusação foi proferida contra nenhum dos companheiros aprisionados, apesar de terem alguns deles já sido condenados a longas sentenças sem ser escutados ou julgados, à revelia. As condições dessas prisões são excepcionalmente vis e brutais. Assim, um dos presos, o companheiro Maximov, após vários protestos em vão contra as condições inacreditavelmente anti-higiênicas nas quais ele estava forçado a viver, foi levado ao único meio de protesto que lhe restava — a greve de fome. Outro companheiro, Yarchuk, libertado após uma detenção de seis dias, foi logo preso novamente sem que quaisquer acusações tivessem sido proferidas contra ele em ambas as ocasiões.

De acordo com uma informação confiável recebida por nós, alguns dos presos anarquistas estão sendo enviados às prisões de Samara, longe de casa e dos amigos, privados portanto de qualquer assistência solidária mínima que poderiam receber se estivessem mais perto de casa. Diversos outros companheiros foram forçados pelas terríveis condições de seus confinamentos a declarar greve de fome. Um deles, após jejuar por 12 dias, ficou gravemente doente.

Até mesmo violência física é praticada sobre os nossos companheiros presos. A declaração dos anarquistas da prisão de Butyrki em Moscou, de 16 maio, assinada por trinta e oito companheiros e enviada ao Comitê

Minha outra desilusão na Rússia

Executivo da Comissão Extraordinária de Todas as Rússias, contém, entre outras coisas, a seguinte declaração: “Em 15 de março, o companheiro T. Kashirin foi brutalmente atacado e espancado na prisão do Departamento Especial da Comissão Extraordinária pelo vosso agente Mago e assistentes, na presença de Dookiss, carcereiro da prisão.”

Além das prisões indiscriminadas e da violência física contra nossos companheiros, o governo está promovendo uma guerra sistemática contra o nosso trabalho educacional. Fechou muitos de nossos clubes, bem como o escritório de Moscou da editora da organização anarco-sindicalista *Golos Truda*. Uma caçada humana similar ocorreu em Petrogrado em 15 de março. Numerosos anarquistas foram presos sem motivo, a gráfica da *Golos Truda* foi fechada e seus trabalhadores presos. Nenhuma acusação foi proferida contra os companheiros presos que, ainda se encontram todos na prisão.

As insuportáveis táticas despóticas do governo em relação aos anarquistas são inquestionavelmente resultados da política geral do Estado bolchevista no controle exclusivo do partido comunista em relação aos anarquismos, ao sindicalismo e a seus defensores.

Esse estado de coisa está nos forçando a elevar nossas vozes em alto protesto contra o terror imposto e a supressão brutal do movimento anarquista pelo governo bolchevista. Aqui na Rússia nossa voz é fraca. É sufocada. A política do regime do Partido Comunista está designada a destruir absolutamente qualquer possibilidade ou esforço de atividade ou propaganda anarquista. Os anarquistas russos são assim forçados a condições de completa greve de fome moral, pois o governo está nos privando da possibilidade de efetivar mesmo aqueles planos e projetos que ele próprio prometeu auxiliar apenas recentemente.

Compreendendo mais do que nunca a verdade do nosso ideal anarquista e a necessidade imperativa de sua aplicação à vida, nós estamos convencidos que o proletariado revolucionário de todo o mundo está conosco.

Após a Revolução de Fevereiro, os anarquistas russos retornaram à Rússia vindos de vários recantos, para se dedicarem à atividade revolucionária. O bolchevista havia adotado o slogan anarquista, “*as fábricas para os trabalhadores e a terra para os camponeses*”, e por isso ganharam a simpatia dos anarquistas. Estes viram nos bolchevistas os porta vozes da emancipação social e econômica, e juntaram suas forças a eles.

Durante o período de outubro, os anarquistas trabalharam de mãos dadas com os comunistas e lutaram com eles lado a lado em defesa da revolução. Então veio o tratado de Brest Litovsk, que muitos anarquistas consideraram uma traição à revolução. Esse foi o primeiro sinal de que as coisas não estavam bem com os bolchevistas. Mas a Rússia ainda estava exposta à intervenção externa e os anarquistas perceberam que deveriam continuar juntos para lutar contra o inimigo comum.

Em abril de 1918, veio outro golpe. Por ordem de Trotsky, os quartéis gerais anarquistas em Moscou foram atacados pela artilharia, alguns anarquistas ficaram feridos, um grande número foi preso e todas as atividades anarquistas foram “liquidadas”. Esta afronta completamente inesperada serviu para afastar ainda mais os anarquistas do Partido dominante. Ainda assim, a maioria deles continuou com o bolchevista: eles acharam que, apesar da perseguição interna, virar-se contra o regime existente seria trabalhar em prol das forças contra-revolucionárias. Os anarquistas participaram em todo esforço social, educacional e econômico; trabalharam até em departamentos militares para ajudar a Rússia. Nas guardas vermelhas, nos regimentos

voluntários e, mais tarde, no Exército Vermelho; como organizadores e administradores de fábricas e estabelecimentos; como chefe de repartições de combustível; como professores — em toda parte os anarquistas tiveram posições difíceis e de responsabilidade. De suas fileiras vieram alguns dos homens mais capazes que trabalharam nas relações externas com Tchicherin e Kharakan, nos vários departamentos de imprensa, como representantes diplomáticos bolchevistas no Turkestão, Bokhara e na República do Extremo Oriente.¹ Os anarquistas trabalharam com e para o bolchevismo por toda a Rússia crentes que estavam avançando na causa da revolução. Mas a devoção e o zelo dos anarquistas de modo algum deteve os comunistas da inflexível perseguição ao movimento anarquista.

A peculiar situação geral e a confusão de idéias criadas dentro dos círculos revolucionários pelo experimento bolchevista dividiram as forças anarquistas da Rússia em várias facções, destarte, enfraquecendo o seu efeito sobre o curso da revolução. Havia muitos grupos, cada um se esforçando separadamente e em vão contra a formidável máquina que eles mesmos ajudaram a criar. No denso nevoeiro político, muitos perderam o senso de direção: não conseguiam distinguir entre o bolchevismo e a revolução. Em desespero alguns anarquistas foram empurrados para atividades clandestinas, assim como haviam feito durante o regime dos czares. Mas tal trabalho era mais difícil e perigoso sob os novos mandantes, e isso também abriu a porta para maquinações sinistras de provocadores. As organizações anarquistas mais maduras, como a *Nabat*, na Ucrânia, *Golos Truda* em Petrogrado e Moscou, e o grupo *Voylni Trud* — as duas últimas de tendência anarco-sindicalista, continuaram seus trabalhos abertamente da melhor maneira que puderam.

Infelizmente, como era inevitável sob tais circunstâncias, alguns espíritos malignos se infiltraram nas linhas anarquistas — restos desterrados pela maré revolucionária. Eles eram tipos para quem a revolução significava apenas destruição, ocasionalmente até para vantagens pessoais. Eles engajaram-se em propósitos sombrios e, quando presos e com suas vidas ameaçadas, frequentemente se tornavam traidores e se aliavam à *tcheka*. Particularmente em Kharkov e Odessa grassavam essas ervas daninhas. Os anarquistas em sua maioria eram os primeiros a se opor a esse elemento. O bolchevista, sempre ansioso em assegurar os serviços de anarquistas traidores, sistematicamente pervertia os fatos. Ele difamava, perseguia e caçava o movimento anarquista enquanto tal. Foi essa traição e despotismo comunista que resultou no lançamento de uma bomba no interior da Secção do Partido Comunista de Moscou, em setembro de 1919. Foi um ato de protesto com a colaboração de membros de várias tendências políticas. As organizações anarquistas *Golos Truda* e *Voylni Trud* de Moscou publicamente expressaram sua condenação a tais métodos, mas o governo revidou com represália a todos os anarquistas. Ainda assim, a despeito de suas experiências amargas e martirizantes sob o regime bolchevista, a maior parte dos anarquistas se apegava tenazmente à mão que os agredia. Foi necessário o ultraje contra Kronstadt para acordá-los do feitiço hipnótico da superstição bolchevista.

O poder corrompe, e os anarquistas não são exceção. Na verdade deve ser admitido que um certo elemento anarquista desmoralizou-se por causa dele; evidentemente a grande maioria manteve sua integridade. Nem a perseguição bolchevista, nem a freqüente tentativa de suborno de uma boa posição com todos seus privilégios especiais, conseguiram alienar a grande massa de anarquistas de seus ideais. Como resultado, eles eram constantemente atormentados e encarcerados. A sua existência nas pri-

sões era uma tortura contínua: na maior parte delas ainda vigorava o velho regime e apenas a luta coletiva dos presos políticos ocasionalmente conseguia forçar reformas e melhorias. Desse modo, foram necessários repetidos “distúrbios” e greves de fome na Butyrki antes das autoridades serem forçadas a fazer alguma concessão. Os políticos conseguiram estabelecer uma espécie de universidade, organizavam palestras e recebiam visitas e suprimentos. No entanto a *tcheka* olhou com desagrado tais “liberdades”. Subitamente, sem aviso prévio, pôs-se um fim ao tratamento decente; a Butyrki foi invadida e os prisioneiros, em número superior a 400 e pertencentes a várias alas revolucionárias, foram retirados à força de suas celas e transferidos para outras instituições penais. Uma mensagem recebida naquele tempo de uma das vítimas, datada de 27 de abril, dizia:

“Campo de concentração, Ryazan.

Na noite de 25 de abril, fomos atacados pelos soldados vermelhos e tchequistas armados, fomos ordenados a nos vestir e a ficarmos prontos para deixar Butyrki. Alguns dos políticos, temendo serem levados para uma execução, se recusaram a ir e foram terrivelmente espancados. Especialmente as mulheres foram maltratadas, algumas delas foram arrastadas pelos cabelos escada abaixo. Muitas sofreram sérios ferimentos. Eu mesma fui tão espancada que o meu corpo todo parecia uma grande ferida. Fomos levados à força em nossas roupas de dormir e jogados em vagões. Os companheiros do nosso grupo não sabiam nada sobre o paradeiro do resto dos políticos, incluindo menchevistas, revolucionários sociais, anarquistas, e anarco-sindicalistas.

Dez de nós, entre eles Fanya Baron, foram trazidos para cá. As condições nessa prisão são insuportáveis. Nenhum exercício, ar fresco; a comida é escassa e estragada; todos os lugares terrivelmente sujos, percevejos e piolhos. Nós

pretendemos declarar greve de fome por melhor tratamento. Disseram-nos para ficarmos prontos com as nossas coisas. Eles vão nos levar embora de novo. Não sabemos para aonde.

[Assinado] T.”

Tão logo as circunstâncias do ataque de Butyrki ficaram conhecidas, os estudantes da Universidade de Moscou formaram uma reunião de protesto e transmitiram resoluções denunciando o ultraje. Por causa disso os líderes estudantis foram presos e a universidade fechada. Os estudantes não residentes foram obrigados a deixar Moscou em três dias sob o pretexto de falta de ração. Os estudantes voluntariamente abriram mão de seu *payok*², mas o governo insistiu que eles deixassem a capital. Mais tarde, quando a universidade foi reaberta, Preobrazhensky, o Reitor, advertiu os estudantes a refrear qualquer expressão política sob a pena de serem expulsos da universidade. Alguns dos estudantes presos foram exilados, entre eles muitos jovens, pelo único crime de serem membros de um círculo cujo objetivo era estudar os trabalhos de Kropotkin e outros autores anarquistas. Os métodos do czar foram ressuscitados pelos seus herdeiros ao trono na Rússia bolchevista.

Após a morte de Piotr Kropotkin, seus amigos e companheiros decidiram fundar o museu Kropotkin em comemoração ao grande professor anarquista e em apoio a suas idéias e ideais. Eu voltei a Moscou para ajudar na organização do memorial proposto, mas em pouco tempo o comitê do museu havia concluído que, por hora, o projeto não poderia ser realizado. Estando tudo sob o monopólio do Estado, nada poderia ser feito sem solicitação às autoridades. Aceitar o auxílio do governo seria uma traição deliberada ao espírito de Kropotkin, que por toda sua vida consistentemente recusou a assistência do Estado. Uma vez, quando Kropotkin estava doente e necessitado,

Minha outra desilusão na Rússia

o governo bolchevista ofereceu-lhe uma grande soma pelo direito de publicar seus trabalhos. Kropotkin recusou. Ele foi compelido a aceitar rações e assistência médica quando doente, mas jamais aprovaria a publicação de seus trabalhos pelo Estado, nem aceitaria qualquer outro auxílio deste. O Comitê do Museu Kropotkin tomou a mesma atitude. Aceitou do Soviet de Moscou a casa onde Kropotkin nasceu, que deveria ser transformada no Museu Kropotkin, mas não pediria nada mais ao governo. A casa naquela época estava ocupada por uma organização militar; levaria meses para esvaziá-la e então nenhum recurso estaria disponível para reformá-la. Alguns dos membros do Comitê acharam que não havia lugar para o museu Kropotkin na Rússia bolchevista, na medida em que o despotismo estava desenfreado e as prisões cheias de dissidentes políticos.

Enquanto eu fazia uma breve visita a Petrogrado, o apartamento de Moscou no qual eu tinha um quarto fora invadido pela *tcheka*. Eu soube que a armadilha costumeira foi armada e todos que visitaram o local durante a *zassada*³ foram presos. Eu visitei Ravitch para protestar contra tal procedimento dizendo que se o objetivo era me colocar sob custódia eu estaria preparada para isso. Ravitch não tinha ouvido falar nada sobre o assunto, mas prometeu entrar em contato com Moscou. Poucos dias depois, fui informada que os tchekistas foram retirados do apartamento e que meus amigos presos estavam para serem libertados. Quando retornei ao meu quarto algum tempo depois, muitos deles haviam sido soltos. Ao mesmo tempo, um número considerável de anarquistas foi preso em várias partes da capital e não se conseguia saber nenhuma notícia sobre o seu destino ou a causa das prisões. Várias semanas depois, em 30 de agosto, o Moscou Izvestia publicou o relatório oficial do *Veh-Tcheka* sobre o “*banditismo anarquista*”, anunciando que dez anarquistas foram fuzilados como “*bandidos*” sem serem ouvidos ou julgados.

Tornou-se a política estabelecida pelo governo bolchevista mascarar seu bárbaro procedimento contra os anarquistas com a invariável acusação de banditismo. Essa acusação foi feita praticamente contra todos os anarquistas encarcerados e muitas vezes até mesmo contra simpatizantes do movimento. Um método bastante conveniente para se livrar de uma pessoa indesejável: graças a ele, qualquer um poderia ser secretamente executado e enterrado.

Entre as dez vítimas estavam dois dos anarquistas russos mais conhecidos, cujo idealismo e a devoção vitalícia à causa da humanidade haviam resistido ao teste dos encarceramentos e exílio czaristas, e da perseguição e sofrimento em outros países. Eram Fanya Baron, que havia escapado da prisão de Ryazan alguns meses antes, e Lev Tcherny que havia passado muitos anos de sua vida em *katorga*⁴ e exilado sob o antigo regime. O bolchevismo não teve coragem de dizer que fuzilara Lev Tcherny; na lista dos executados ele aparecia como “Turchaninoff,” que — embora fosse seu verdadeiro nome — não era familiar até mesmos aos amigos mais próximos. Tcherny era conhecido por toda a Rússia como um talentoso poeta e escritor. Em 1907, publicou um trabalho original sobre “Anarquismo associativo”, e desde que retornou da Sibéria, em 1917, gozou de ampla popularidade entre os trabalhadores de Moscou como um conferencista e fundador da “Federação de Trabalhadores Cerebrais”. Ele foi um homem de grandes talentos, sensível e compassível em todos os seus relacionamentos. Ninguém poderia estar mais distante do banditismo.

A mãe de Tcherny havia aparecido várias vezes no *Ossoby Otdel* (Departamento Especial da *tcheka*) para saber sobre o destino de seu filho. A cada visita lhe diziam para retornar no dia seguinte, quando então ela teria permissão para vê-lo. Como foi comprovado posteriormente,

Tcherny já havia sido fuzilado quando essas promessas foram feitas. Após sua morte, as autoridades se recusaram a entregar o corpo para que parentes ou amigos o enterrassem. Havia rumores persistentes que a *tcheka* não pretendia executar Tcherny, mas que ele tinha morrido sob tortura.

Fanya Baron era o tipo da mulher russa completamente dedicada à causa da humanidade. Quando esteve na América, ela ofereceu todo o seu tempo livre e boa parte de seus magros ganhos em uma fábrica para implementar a propaganda anarquista. Anos depois, quando eu a encontrei em Kharkov, seu zelo e dedicação haviam se intensificado devido à perseguição que ela e seus companheiros enfrentaram desde o retorno à Rússia. Ela possuía uma coragem irrestrita e um espírito generoso. Poderia executar a tarefa mais difícil e se privar do último pedaço de pão com graça e absoluta abnegação. Sob angustiantes condições de viagem, Fanya atravessou a Ucrânia para difundir o *Nabat*, organizar trabalhadores e camponeses, ou levar ajuda e socorro aos seus companheiros aprisionados. Ela foi uma das vítimas do ataque a Butyrki, quando foi puxada pelos cabelos e severamente espancada. Depois de sua fuga da prisão de Ryazan, ela andou a pé até Moscou, aonde chegou em trapos e sem um centavo. Foi a sua condição desesperadora que a levou a procurar abrigo junto a seu cunhado, em cuja casa ela foi descoberta pela *tcheka*. Essa mulher de grande coração, que serviu à revolução social por toda a vida, foi morta pelo povo que simulou ser a guarda avançada da revolução. Não contente com o crime de matar Fanya Baron, o governo soviético colocou o estigma de banditismo na memória de suas vítimas mortas.

Tradução do inglês por Anamaria Salles

Notas

- ¹ Sibéria Oriental, na época um território independente. (N.E.)
- ² Ração alimentar (N.E.)
- ³ Bloqueio de residência. A polícia se escondia na casa de algum suspeito e prendia todos que ali aparecessem (N.E.)
- ⁴ Campo de trabalho forçado em áreas remotas, especialmente na Sibéria. (N.E.)

RESUMO

Relato de Emma Goldman acerca da violenta repressão aos anarquistas russos pela polícia do governo bolchevista na Revolução Russa.

Palavras-chave: anarquismo, revolução russa, repressão policial.

ABSTRACT

Emma Goldman's report on the violent repression of Russian anarchists by the police of the bolchevists in Russian Revolution.

Keywords: anarchism, Russian revolution, policial repression.

Indicado para publicação em 22 de maio de 2006.